

## Jovens homens que “saíram pelo meio do mundo”: sentidos do trabalho para cortadores de cana

### Resumo

A migração de trabalhadores do meio rural, oriundos de estados do nordeste, em direção às áreas canavieiras da região sudeste, tem se intensificado nas últimas décadas. Estudos recentes identificam a consolidação de um novo fenômeno, a migração permanentemente temporária, que se constitui em eterno processo de “partidas” e “retornos” daqueles que migram. Considerando a relevância dos fluxos migratórios para a população jovem, o presente artigo se propõe a compreender os sentidos atribuídos à experiência de ser jovem trabalhador nos cortes de cana. Na tentativa de reconhecer as especificidades que caracterizam os contextos locais do meio rural, optou-se por realizar uma pesquisa etnográfica no distrito rural Espraiado, localizado no município baiano Palmas de Monte Alto. Foram realizados 18 grupos de discussão com jovens do sexo masculino e feminino, matriculados no ensino médio e 18 entrevistas narrativas com jovens e adultos estudantes, pais e avós. A análise dos grupos foi feita com base no método documentário de interpretação desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack. Os resultados da pesquisa desenvolvida apontam que o desvendamento das condições de trabalho nos canaviais, marcadas pela ocorrência de acidentes, insalubridade e riscos de vida, são aspectos escamoteados pelos jovens, em razão da oferta de vínculo empregatício, seguro desemprego e carteira assinada, concedida pelas usinas. A formalização do vínculo empregatício não garante o acesso dos jovens a condições decentes de trabalho, o que aprofunda a exploração e a invisibilidade dos corpos de jovens homens das áreas rurais.

**Palavras-chave:** Trabalho nos cortes de cana. Juventude. Migração.

### Para citar este artigo:

SILVA, Catarina Malheiros da. Jovens homens que “saíram pelo meio do mundo”: sentidos do trabalho para cortadores de cana. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 20, n.43, p. 143 - 166, maio/ago. 2019.

**DOI:** 10.5965/1984724620432019143

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724620432019143>

**Catarina Malheiros da Silva**  
Doutora em Educação pela  
Universidade de Brasília – UnB.  
Professora do Instituto Federal  
de Educação, Ciência e  
Tecnologia - IFBAIANO - Campus  
Guanambi.  
Brasil  
catems14@gmail.com

## Young men who “went out through the world”: the point of work for cane cutters

### Abstract

The migration of workers, from countryside coming from northeastern states, to the sugarcane areas of the southeast region, has intensified in recent decades. The recent studies identify the consolidation of a new phenomenon, a temporary permanent migration, which constitutes the eternal process of "departures" and "returns" of those who migrate. Considering the relevance of migratory flows to the young population, this article aims to understand the meanings attributed to the experience of being a youngster in the sugarcane cutting work. In an attempt to recognize the specificities that characterize the local contexts of the rural environment, it was decided to conduct an ethnographic research in the rural village Espraiado, located in the County of Palmas de Monte Alto. Eighteen discussion groups were held with young men and women, enrolled in high school and eighteen narrative interviews with young and adult students, parents and grandparents. The analysis of the groups was based on the documentary method of interpretation developed by Karl Mannheim and adapted for empirical social research by Ralf Bohnsack. The results of research show that the unraveling of work conditions in cane fields, marked by the occurrence of accidents, insalubrity and life risks, are aspects that are concealed by the young, due to the offer of employment, unemployment insurance and portfolio signed by the mills. The formalization of the employment relationship does not guarantee young people having access to decent working conditions, which deepens the exploitation and invisibility of the bodies of young men in rural areas.

**Keywords:** Sugarcane cutting work. Youth. Migration.

## Reflexões iniciais

A migração de trabalhadores do meio rural, oriundos de estados do nordeste, em direção às áreas canavieiras da região sudeste, tem se intensificado nas últimas décadas. Estudos recentes identificam a consolidação de um novo fenômeno, a migração permanentemente temporária, que se constitui em eterno processo de “partidas” e “retornos” daqueles que migram. Considerando a relevância dos fluxos migratórios para a população jovem dos pequenos municípios brasileiros, o presente artigo se propõe a compreender os sentidos atribuídos à experiência de ser jovem trabalhador nos cortes de cana.

O estudo dos processos migratórios tem dedicado atenção aos novos sujeitos que empreendem os projetos de saída do meio rural, homens e mulheres jovens. Buscam entender o que motiva a saída destes, bem como a compreensão das elaborações construídas acerca das saídas da casa paterna. A compreensão das implicações sociais e laborais das migrações temporárias, especialmente de jovens homens estudantes, a partir da ótica dos sujeitos envolvidos, traduz-se em desafio para as pesquisas educacionais. A atividade laboral do corte de cana seleciona, por si mesma, os trabalhadores: homens jovens, com idade entre 18 e 30 anos, sadios e dotados de força física para suportar os altos índices de produtividade exigidos (ALVES; DAYRELL, 2015).

O momento atual configura-se como imperativo para a luta em prol do rompimento do ciclo de invisibilidade que historicamente marca a juventude rural, residente em pequenos municípios brasileiros, do ponto de vista público, político e das pesquisas. O surgimento de um número significativo de estudos que se propõe a investigar esse grupo social, nas universidades e instituições de pesquisa, fortalece o desenvolvimento de ações destinadas ao reconhecimento e à valorização social da juventude que habita o território rural.

Para Stropasolas (2007), faz-se necessário qualificar as questões vinculadas aos jovens rurais considerando a atualidade dos contextos em que estão inseridos, os aspectos comuns e específicos que marcam as experiências cotidianas em distintas regiões, bem como as mudanças na relação entre homens e mulheres, e entre as

gerações. Outra questão apontada, a partir das reivindicações dos movimentos sociais, diz respeito à relevância do estudo das necessidades e interesses dos jovens bem como a assunção por parte do Estado e dos atores sociais destas demandas, numa vertente propositiva.

A existência de diversos “modos de vida” e de trabalho nos distintos territórios rurais no Brasil figura como elemento importante para pensar as políticas públicas destinadas aos jovens no contexto do século XXI. Elas devem partir dos diferentes sujeitos, além de estarem aportadas em seus contextos vivenciais, numa perspectiva que reconheça as vozes que foram silenciadas em épocas passadas. Para isso, faz-se necessário compreender como os jovens vivenciam a sua condição juvenil, relacionam-se com o mundo do trabalho, projetam o futuro e quais os significados atribuídos às suas experiências escolares.

Na tentativa de reconhecer as especificidades que caracterizam os contextos locais do meio rural, optou-se por realizar uma pesquisa etnográfica no distrito rural Espriado, localizado no município baiano Palmas de Monte Alto. A observação participante, as entrevistas com moradores e os grupos de discussão constituíram-se como principais instrumentos de coleta de dados. Foram realizados 18 grupos de discussão e 18 entrevistas narrativas com jovens e adultos estudantes, pais e avós.

Inicialmente, realizou-se a transcrição e divisão temática dos grupos de discussão realizados com os jovens. Essa divisão compreende a identificação das passagens/subpassagens e da metáfora de foco. Embora todos trouxessem aspectos importantes para serem analisados, a escolha de grupos representativos para análise era necessária. Nesse sentido, foi feita a transcrição<sup>1</sup> completa e codificada de seis grupos, tendo o cuidado de preservar as marcas de oralidade dos entrevistados na tentativa de garantir o reconhecimento do dialeto local e da densidade interativa presente nos grupos. O processo de análise foi feito a partir do método documentário de interpretação

---

<sup>1</sup> Os códigos utilizados na transcrição das entrevistas (Anexo I) foram desenvolvidos pelos pesquisadores do grupo coordenado por Ralf Bonhsack, na Alemanha. Weller (2005) considera relevante numerar as frases dos membros do grupo, bem como criar códigos para apresentar a entonação da voz e as expressões produzidas pelos participantes. Também assinala a importância de apresentar nomes fictícios para os membros, garantindo assim o seu anonimato.

desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack (BOHNSACK; WELLER, 2013; WELLER, 2005).

Diante dos limites deste artigo, será apresentada a seguir uma discussão acerca das especificidades concernentes à juventude rural e à migração, bem como os fundamentos teóricos do método documentário. Em seguida, o grupo de discussão “*Jovens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo*”, a partir de uma breve apresentação do perfil dos participantes. Por fim, a análise dos eixos Trabalho nos cortes de cana e Ser jovem, que se propõem a compreender os sentidos atribuídos ao trabalho que realizam nos cortes de cana, bem como as elaborações sobre ser jovem nos canaviais.

### Juventude rural e percursos migratórios

Os estudos sobre o rural na América Latina centravam-se no campesino ou na família como unidade básica de produção e reprodução econômica. Essa invisibilidade dos jovens está associada à ideia que vigorava sobre o rural como lugar arcaico que seria superado através do desenvolvimento modernizante. A partir dos anos 1980, apesar da predominância do caráter metropolitano e urbanizante das pesquisas, observam-se mudanças significativas nos estudos sobre a juventude rural (CANGAS, 2003).

Weisheimer (2013) destaca que nas últimas décadas, no Brasil e na América Latina, ocorreu uma preocupação com a situação da juventude rural embora, tanto na esfera pública quanto acadêmica, a juventude rural e latino americana, ainda permaneça invisibilizada. Ressalta ainda que a produção incipiente, descontínua e fragmentada acerca da juventude rural, dificulta a consolidação de um campo de estudo. Para Castro et al. (2009), a pouca visibilidade desse segmento deve-se ao fato de que a juventude rural se constitui em minoria da população jovem do país.

No que concerne aos processos migratórios rurais na atualidade, observa-se que os fluxos não ocorrem apenas das regiões pobres em direção às ricas. Tal constatação rompe com a ideia, ainda vigente, que aponta a migração como um fenômeno que impulsiona a exportação da pobreza para regiões de maior poder e dinamismo

econômico. Sobre a migração inter-regional, especialmente a do nordeste para o sudeste, além dos fluxos serem marcados por um elevado percentual de jovens, constata-se ainda que os migrantes usufruem de melhores condições no tocante à formalização do trabalho (IPEA, 2010).

No que tange à discussão acerca dos processos migratórios nos diversos contextos rurais, Scott (2010, p. 23) chama a atenção para os significados do êxodo, especialmente para aqueles que empreendem os projetos de saída:

Muitos “êxodos” se revestem de nuances que informam as oportunidades e pressões aos quais as diferentes categorias de membros de família e de comunidades do meio rural estão submetidas na busca de uma articulação, eficiente ou não, com oportunidades nas cidades, em outras regiões e em outros locais.

Silva (2008) aponta alguns aspectos que figuram como essenciais para o entendimento das situações concretas e particulares que circundam o migrante. Primeiramente, trata-se de um trabalhador que está inserido em determinadas relações sociais resultantes de processos de violência e expropriação. Em seguida, o migrante integra uma realidade social, definida por laços sociais, que o situam como pertencente a um determinado espaço social e cultural. Nesse sentido, os fatores econômicos não são os únicos a serem considerados na análise dos processos migratórios rurais bem como dos sujeitos envolvidos. A ressignificação social dos migrantes nos espaços de origem e de destino chama a atenção para o seu entendimento não como pontos isolados, ainda que distantes geograficamente, mas como espaços que favorecem a vivência de experiências que são comuns aos migrantes.

A migração de trabalhadores do meio rural, oriundos de estados do nordeste, em direção às áreas canavieiras da região sudeste, tem se intensificado nas últimas décadas. Trata-se de uma migração temporária já que, em geral, as viagens são feitas nos primeiros meses do ano, março ou abril, e o retorno aos municípios de origem ocorre no período de novembro a dezembro. Estudos recentes identificam a consolidação de um novo fenômeno, a migração permanentemente temporária, que se constitui em eterno

processo de “partidas” e “retornos” daqueles que migram (MENEZES; SILVA, 2010; SILVA, 2008).

No que tange ao fluxo migratório dos jovens rurais nas últimas décadas, vários estudos no Brasil e em outros países atestam a tendência da sua saída em direção às cidades (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998, por exemplo). Esse fenômeno vem sendo analisado a partir das dificuldades enfrentadas pelos jovens rurais, especialmente no que diz respeito ao acesso à escola e ao trabalho, bem como a possível atração exercida pelo meio urbano sobre os jovens, especificamente seu estilo de vida (CARNEIRO, 2005; CASTRO, 2009).

Para Durston (1994), os fluxos migratórios com a presença de rapazes e moças se dão em estágios distintos sendo que, num primeiro momento, prevalece a emigração, em geral temporária, de jovens rapazes pouco qualificados que buscam suplementar a escassa renda da família. Num estágio posterior, a aquisição de mais anos de educação formal pelas moças pode significar maiores possibilidades de acesso a trabalhos qualificados.

No âmbito internacional, a implementação de políticas públicas na Europa e nos Estados Unidos em prol do povoamento do meio rural, reflete a preocupação com o esvaziamento social do campo. Embora as migrações de retorno de populações aposentadas tenham se intensificado, o que garante a possibilidade de revalorização do meio rural, constata-se que a ausência de jovens e a desproporção entre os sexos dificultam as chances de retomada (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998).

Um outro aspecto concernente à mobilização dos jovens rurais para a cidade diz respeito à relação estabelecida entre os jovens e a atividade agrícola. O trabalho como agricultor vincula-se à valorização que o jovem e sua família atribuem a essa atividade. Diversas pesquisas demonstram que a atividade agrícola é considerada relevante para as famílias rurais (BRUMER, 2007; CARNEIRO, 2005; WANDERLEY, 2006).

A migração para a cidade pode significar também uma estratégia, tanto da família, quanto dos jovens, de construir novas possibilidades de vida no campo, a partir do desenvolvimento de outras atividades econômicas, tornando a migração temporária. A

migração não se constitui na única forma de vinculação dos jovens com o mundo urbano. A existência de atividades não agrícolas em áreas próximas ao meio rural, a exemplo do que acontece em várias cidades brasileiras, permite que os jovens rurais permaneçam em suas localidades (CARNEIRO, 2005).

Neste sentido, Castro et al. (2009, p. 192) consideram relevante

Repensar a ideia de “sair e ficar” como movimentos definitivos dos jovens, e observá-los, a partir das múltiplas formas em que se apresentam, podendo significar estratégias familiares de manutenção da terra ou, mesmo, formas de se afastar da ação da autoridade paterna. Deve-se também analisar a “escolha” entre permanecer ou sair a partir das condições de reprodução social da família e de autonomia do jovem.

Outro aspecto a ser ressaltado é que para muitos jovens rurais, a ausência de espaços de lazer e a inexistência de um projeto de educação para a juventude rural contribuem para a avaliação negativa do campo em relação à cidade e pelo desejo de migração. Pensar a juventude rural implica reconhecer seu potencial para a proposição de políticas públicas que promovam tanto a concessão de terra e crédito para a inserção produtiva, como o desenvolvimento das práticas de sociabilidade e interação social numa dimensão que desmistifique a visão de juventude como problema e reconheça os jovens como senhores de suas diferenças e sujeitos de direitos.

### O método documentário como instrumento de análise dos grupos de discussão

Os novos contextos e perspectivas sociais apresentam particularidades locais e temporais específicas, nas quais as expressões e atividades humanas clamam por reconhecimento e transformação. Essas novas configurações trazem desafios no que diz respeito aos procedimentos teórico-metodológicos a serem adotados nas pesquisas, uma vez que os estudos quantitativos não dão conta de compreender esses processos em suas particularidades.

Atualmente, as abordagens qualitativas abarcam uma multiplicidade de métodos, o estudo do uso e a coleta de uma diversidade de materiais empíricos que apresentem situações e sentidos concernentes à vida diária dos indivíduos. A utilização de diversas práticas interpretativas objetiva compreender de forma mais consistente o assunto estudado (WELLER; SILVA, 2011). Considerando que o método documentário reconhece as visões de mundo dos sujeitos, bem como as experiências que marcam suas vivências, esse método se mostra pertinente para a compreensão dos significados atribuídos pelos jovens ao trabalho nos cortes de cana.

O método documentário está aportado nas raízes teóricas da sociologia do conhecimento de Karl Mannheim, além de contar com a influência da fenomenologia social, da etnometodologia e da escola de Chicago. Apesar da intensa adaptação e aplicação do referido método para a análise de fotografias e imagens (BOHNSACK; WELLER, 2013), o método documentário também é amplamente utilizado na análise de grupos de discussão e entrevistas narrativas. Ele é o instrumento teórico-metodológico utilizado para analisar as distintas visões de mundo que, por sua vez, estão ancoradas em experiências ligadas a determinada estrutura, sendo a base comum das vivências que marcam a existência dos sujeitos. Essas visões de mundo são construídas a partir das ações práticas e fazem parte do campo definido por Mannheim como ateórico. No entanto, a compreensão da visão de mundo e da orientação dos grupos só é possível a partir da conceitualização e explicação teórica das práticas desse conhecimento ateórico (BOHNSACK; WELLER, 2013; WELLER *et al*, 2002).

O objetivo desse procedimento teórico-metodológico de análise de dados, introduzido pela sociologia do conhecimento de Karl Mannheim, é superar o dilema dicotômico entre objetividade e subjetividade já que o conhecimento ateórico, silencioso ou implícito, como definido por Polanyi, rege a ação (BOHNSACK, 2011). O método documentário permite o acesso à estrutura da ação que, por sua vez, possibilita a reconstrução da perspectiva dos atores. Essa estrutura é representada pelas pessoas como um saber comum de que todos dispõem e isso implica dizer que não é somente o observador-pesquisador que terá acesso privilegiado, já que os entrevistados detêm um saber que desconhecem (WELLER *et al*, 2002).

Outra característica da interpretação, segundo o método, refere-se a uma mudança na postura de análise, visto que ela deixa de estar orientada para o *que* e passa a orientar-se pelo *como*. Assim, a tarefa do pesquisador não é explicar a realidade das pessoas que participam da pesquisa, mas analisar *como* é constituída a realidade na qual elas estão inseridas (BOHNSACK, 2013). Nesse sentido, a pergunta pelo *como* nos remete à identificação do *habitus* elementar da prática<sup>2</sup>. Essa compreensão funcional ou interpretação genética é o que define a funcionalidade da ação nesse modo de interpretação. Já a interpretação imanente da realidade social é aquela que se apercebe de forma intuitiva e que é devolvida ao cotidiano.

Para Mannheim, citado em Weller *et al* (2002), existem três tipos de sentidos que podem ser identificados em uma ação cotidiana, como por exemplo, o gesto de dar esmolas. Um nível de sentido *imanente* ou objetivo que é dado, ou seja, que pode ser interpretado imediatamente; outro se refere ao nível de sentido *expressivo* e constitui-se naquele transmitido através das palavras ou ações e que exige um conhecimento dos atores envolvidos para que possa ser interpretado; por último, o nível *documentário* que documenta a ação prática e exige que o processo de interpretação também envolva a posição daquele que está interpretando.

A compreensão deste último nível dá-se somente por meio da postura genética. Essa postura, viabilizada através da pergunta pelo *como*, é fundamental para a compreensão do sentido documentário das visões de mundo ou dos sentidos das ações de determinados grupos. O acesso a sentido documentário se dá somente através da interpretação. Para isso, faz-se necessária uma via de acesso ao conteúdo subjetivo do outro bem como uma análise da inserção do pesquisador no contexto social do grupo pesquisado para que se possa conhecer as experiências e representações coletivas dos sujeitos da pesquisa (BOHNSACK; WELLER, 2013).

Após essas etapas, faz-se necessária a reconstrução detalhada das referências verbalizadas e o modo como estão relacionadas entre si, já que a interpretação

---

<sup>2</sup> O conceito de *habitus* aqui utilizado está em consonância com os estudos de Bourdieu (NOGUEIRA; NOGUEIRA (2009).

documentária não parte de metodologias ou teorias pré-concebidas: estas são desenvolvidas e incorporadas de forma reflexiva durante o processo de pesquisa. Para isso, a análise processual deve levar em conta a dramaturgia dos discursos. Estes, por sua vez, são identificados como metáforas de foco. As metáforas de foco referem-se aos centros de convivência que são comuns aos membros do grupo pesquisado.

Tais centros foram denominados por Mannheim como espaço de experiências conjuntivas e dizem respeito àquelas experiências biográficas e de socialização que são semelhantes e que, por isso, dispõem de um espaço experiencial comum: esses interesses comuns podem resultar das experiências associadas à geração, ao meio social, ao gênero, à fase de desenvolvimento, entre outras (WELLER, 2006).

A partir dos três níveis de sentidos apresentados por Mannheim, o método documentário foi atualizado e adaptado para a análise de dados empíricos por Ralf Bohnsack. Dessa forma, ao “invés da reconstrução do *decurso* de uma ação (nível objetivo ou imanente), passaremos a analisar e reconstruir o *sentido* dessa ação no contexto social em que está inserida (nível documentário)” (Weller, 2005, p. 268). Assim, o método documentário tem se mostrado uma importante abordagem teórico-metodológica na análise dos grupos de discussão, entrevistas narrativas, fotografias, charges e filmes.

A análise se inicia com a etapa denominada interpretação formulada. Nessa fase, “busca-se compreender o sentido imanente das discussões e decodificar o vocabulário coloquial” (Weller, 2006, p.251). Primeiramente, é realizada uma divisão em temas e subtemas sendo importante o reconhecimento da autoria da fala inicial. Por exemplo, se partiu do pesquisador ou dos membros do grupo. Em seguida, selecionam-se as passagens centrais do grupo ou as metáforas de foco. Também se deve fazer a seleção das passagens relevantes para a pesquisa considerando os objetivos do estudo e a interação existente entre os membros do grupo. Não é necessário transcrever todo o grupo de discussão, mas deve-se transcrever a passagem inicial, as passagens ou metáforas de foco, bem como os trechos importantes para a pesquisa.

A análise começa com a passagem inicial, em seguida as passagens de foco e, ainda, as que discutem as questões concernentes ao tema da pesquisa. Deve-se reescrever o que foi dito pelos membros do grupo, trazendo o conteúdo das falas para uma linguagem que poderá ser compreendida pelos leitores que não pertençam ao mesmo meio social dos participantes. Nessa fase não são feitas comparações, tampouco são apontadas referências ao campo ou à literatura, pois, neste momento, busca-se analisar a estrutura básica do texto.

A segunda fase, denominada interpretação refletida, implica uma observação de segunda ordem, em que o pesquisador se propõe a realizar a análise podendo se pautar no conhecimento teórico e empírico construído nos contextos estudados. Para Weller, a interpretação refletida “busca analisar tanto o conteúdo de uma entrevista quanto o ‘quadro de referência’ que orienta a discussão, as ações do indivíduo ou grupo pesquisado e as motivações que estão por detrás dessas ações” (2006, p. 251).

Essa interpretação tem por objetivo a reconstrução deste “quadro de orientação”. A segunda fase é subdividida em outras duas. Na primeira, dedica-se à reconstrução da organização do discurso e à análise da interação entre os participantes do grupo. O pesquisador busca analisar não somente questões temáticas relevantes, mas padrões semelhantes ou aspectos típicos do meio social. O próximo consiste na análise de uma outra passagem do mesmo grupo de discussão com o intuito de se estabelecer uma comparação interna, ou seja, como os mesmos jovens se posicionam diante de um outro tema.

Em seguida o pesquisador escolhe um segundo grupo. Após a análise da passagem inicial, dá-se seguimento à comparação externa, ou seja, como os jovens de outro grupo se posicionaram em relação a um mesmo tema que também foi discutido pelo outro grupo e assim sucessivamente. A interpretação dos dados só ganha forma e conteúdo quando fundamentada na comparação interna e externa (BOHNSACK; WELLER, 2013).

## Do distrito Espraiado à aventura de sair pelo meio do mundo: quem são os jovens<sup>3</sup> cortadores de cana

### Ueliton

Ueliton (Um) tem 28 anos, solteiro, negro, católico, natural do distrito Espraiado, tem uma filha e sete irmãos/ãs. Sua mãe (já falecida) nasceu na fazenda Muquém, era lavradora e não frequentou a escola. Seu pai (já falecido) nasceu na fazenda Covão, era lavrador e não frequentou escola. Não informou a renda do pai. Os avós maternos e paternos são lavradores e não frequentaram a escola. Ueliton cursou o ensino fundamental no distrito Espraiado. Mora com a avó no distrito, cursa o 1º ano do ensino médio e desloca-se para a escola a pé. Trabalha como lavrador oito horas por dia. Não informou a renda. Nos anos de 2006 e 2007 trabalhou no corte de cana em Icém/SP. Permaneceu em Espraiado no ano de 2008. Em 2009 e 2010 retornou para o corte de cana, em Icém/SP. Seu lazer preferido é jogar futebol, não participa de nenhum grupo e não utiliza internet. Afirmou que pretende retornar para o corte de cana no ano de 2012.

### Ney

Ney (Nm) tem 19 anos, negro, solteiro, católico, natural da fazenda Muquém, tem dois irmãos/ãs. Mora em Icém/SP desde 2005 com a mãe. Seu pai (já falecido) nasceu em Palmas de Monte Alto-BA, era lavrador e não frequentou a escola. Sua mãe nasceu em Palmas de Monte Alto, era lavradora e não frequentou a escola. Não informou a renda da mãe. Não soube informar a escolaridade dos avós maternos e paternos, que são lavradores. Estudou o ensino fundamental no distrito Espraiado. Cursou a 8ª série, o 1º e 2º anos do ensino médio em Icém/SP. Trabalhou no corte de cana com carteira assinada, no período das 7h às 15h, nos anos de 2010 e 2011, em Icém/SP e sua renda mensal era de R\$ 1.300,00. Seu lazer preferido é jogar futebol e não participa de nenhum grupo. Utiliza internet três horas por dia, em *lan house* e casa dos colegas. Pretende concluir os estudos no ano de 2012. Chegou no Distrito Espraiado no início do mês de dezembro de 2011.

---

<sup>3</sup> Ao término dos grupos de discussão, com o objetivo de obter informações adicionais, cada participante preencheu um formulário com informações relevantes para a constituição de um perfil individual. No que concerne ao uso da categoria negro, utilizada para identificar os jovens, partiu-se da autodeclaração.

## Pedro

Pedro (Pm) tem 25 anos, negro, casado, católico, natural do distrito Espraiado, tem um filho e sete irmãos/ãs, entre eles Ueliton. Mora com a esposa e o filho. Sua mãe (já falecida) nasceu na fazenda Muquém, era lavradora e não frequentou a escola. Seu pai (já falecido) nasceu na fazenda Covão, lavrador e não frequentou escola. Não informou a renda do pai. Os avós maternos e paternos são lavradores e não frequentaram a escola. Estudou o ensino fundamental e o 1º ano do ensino médio (no ano de 2009), no distrito Espraiado. Nos anos de 2006, 2007 e 2008 trabalhou no corte de cana em Icém/SP. Em 2009 e 2010, morou no distrito Espraiado. Em 2011, trabalhou no corte cana com carteira assinada, no período das 7h às 17h, em Icém/SP, com renda mensal de R\$ 1.000,00. Nesse ano, levou a esposa e o filho de um ano para o corte de cana. Sua companheira tem o ensino fundamental completo e não trabalha. Seu lazer preferido é jogar futebol, não participa de nenhum grupo e não utiliza internet. Pretende trabalhar como motorista em Espraiado no ano de 2012. Chegou ao distrito Espraiado em novembro de 2011. Pedro participou ainda de uma entrevista narrativa em novembro de 2011.

## Trabalhar e adquirir alguma coisa

Com o intuito de conhecer as vivências dos jovens nos canaviais, a entrevistadora apresenta uma pergunta que sugere a rememoração do período em que trabalharam nos cortes de cana. Embora instigue o relato sobre as vivências dos jovens numa perspectiva mais ampla ao perguntar “como é que é a vida lá?”, observa-se que o grupo direciona a discussão para aspectos referentes ao vínculo trabalhista e às conquistas obtidas através do trabalho nos cortes de cana (Passagem O trabalho no corte de cana, linhas 392-438):

- 392 Y: E vocês poderiam falar sobre o período em que  
 393 vocês trabalharam esse período que vocês  
 394 trabalharam nos cortes de cana? Como que é a  
 395 vida lá?  
 396 Nm: Ah não é ruim mas também não é boa porque::  
 397 ruim=ruim é né porque a gente trabalhar assim  
 398 na zona rural assim não é muito bom né mas a  
 399 gente:: no lado bom a gente tem um salário bom  
 400 né um salário tem salário tem seguro  
 401 desemprego tem fundo de garantia essas coisas  
 402 aí é muito bom prá gente e a gente também

403 ganha muito sabe a gente ganha não muito  
 404 assim não mas que dá prá se manter pra fazer  
 405 uma construção boa comprar um veiculo bom é  
 406 aquele emprego assim que:: dá prá viver  
 407 Um: O trabalho lá é bom é melhor do que aqui  
 408 também porque aqui a gente trabalha ah e a  
 409 gente não ganha que nem lá lá a gente que nem  
 410 a gente precisar fazer uma casa gente  
 411 trabalhando lá gente ganha dinheiro aqui prá  
 412 chegar aqui e fazer uma casa ou comprar uma  
 413 moto uma coisa que a gente precisa assim que  
 414 todo mundo tem que ter uma coisa assim na vida  
 415 Pm: L É  
 416 Um: Porque gente pensa no futuro da vida da gente a  
 417 gente fica aqui trabalhando a vida toda tem uns  
 418 que:: que nem morre de velho e não tem nada e  
 419 a gente sai prá fora a gente adquire alguma coisa  
 420 Pm: É e a diferença também que tem daqui gente  
 421 ficar trabalhando aqui com de lá por causa que lá  
 422 carteira assinada a gente não tem como falhar  
 423 assim todo dia cê tem o seu serviço garantido  
 424 agora aqui não cê vem trabalha um dia trabalha  
 425 dois trabalha uma semana e já na outra cê não  
 426 trabalha e lá não ou cê machuca ou não  
 427 machuca cê tando registrado cê ta ganhando o  
 428 seu a °usina é obrigada a pagar a vantagem é  
 429 essa° e gente tem o contrato enquanto não  
 430 terminar cê tem seu serviço garantido e aqui não  
 431 cê trabalha uma semana a outra você já não  
 432 trabalha hoje amanhã já não trabalha e quando  
 433 você trabalha um dia aqui😊você não sabe  
 434 quando recebe😊(1) 😊e lá não cê trabalhou  
 435 quinzena chega pode pagar até antes sabe  
 436 porque não atrasa você pode fazer o seu  
 437 compromisso aqui você trabalha e não tem nem  
 438 como você fazer um compromisso (1) tem muita  
 diferença o trabalho daqui com o de lá.

A proposição de Ney sobre a vida nos canaviais, “não é ruim mas também não é boa”, apresenta o aspecto dual do trabalho no corte de cana. A experiência de trabalhar na zona rural é considerada “ruim”, ao mesmo tempo em que tem o “lado bom”, representado pela possibilidade de acessar direitos trabalhistas como salário, seguro

desemprego e fundo de garantia, e conquistas como “fazer uma construção boa”, “comprar um veículo bom”, desejados pelos jovens.

A penosidade do trabalho rural nos canaviais, bem como as condições oferecidas, fazem com que a experiência de trabalhar na zona rural seja apresentada como algo “não muito bom” pelo jovem Ney. Os jovens rapazes saem do distrito rural de origem para trabalhar nos canaviais, espaço que também é rural. É possível que o movimento de saída e ingresso em espaços de trabalho rural tornem a experiência laboral “ruim”, uma vez que não ocorre o rompimento com o trabalho rural e conseqüentemente com a condição de trabalhador rural.

A organização do mundo do trabalho no meio rural, historicamente marcada pela usurpação de direitos trabalhistas, é vista como negativa pelos jovens cortadores de cana. A ausência de vínculos empregatícios que contemplem a garantia de um “bom salário”, seguro desemprego e fundo de garantia, parecem ser fatores decisivos para “sair para fora”.

Mas, para os jovens, ainda que trabalhar na zona rural não seja “muito bom”, como propõe Ney, a elaboração feita por Ueliton, “o trabalho lá é bom, é melhor do que aqui”, ao se referir ao trabalho nos canaviais, orienta a discussão sobre o trabalho numa perspectiva comparativa, positivando o trabalho rural nos canaviais em relação ao trabalho rural no distrito de origem. A experiência dos jovens com o trabalho rural, inicialmente no distrito e, posteriormente, nos canaviais, possibilita aos entrevistados estabelecer uma comparação entre mundos rurais distintos.

Os jovens rapazes são inseridos, num primeiro momento, no contexto das “lidas da roça”<sup>4</sup>, junto aos irmãos, pais e avós, em atividades de “ajuda” e, quando mais crescidos, prestam serviço para os fazendeiros da região em condições de trabalho instáveis e irregulares. A insegurança nas relações de trabalho enfrentada pelos jovens do distrito Espraiado, mediante a legitimação histórica de vínculos trabalhistas expropriadores, favorecem a ressignificação do trabalho nos canaviais.

---

<sup>4</sup> Na pesquisa de campo realizada no distrito em 2008, com estudantes do ensino fundamental, os jovens rapazes destacaram nas entrevistas e diários o trabalho que realizavam na roça como “ajuda” prestada à família desde os anos iniciais (Relatório de campo, 2008).

A argumentação feita por Ueliton, “aqui a gente trabalha e a gente não ganha que nem lá”, sugere que a intensificação dos fluxos de jovens que “saem pra fora” anualmente não necessariamente é motivada pela ausência de trabalho no distrito, mas pela inexistência de condições de trabalho decentes que contemplem o pagamento de um salário justo para os jovens<sup>5</sup> e o vínculo com carteira assinada.

O acesso a bens materiais a partir do trabalho nos canaviais é positivado pelos jovens rapazes dado o significado que tais conquistas têm para o grupo. A possibilidade de “chegar aqui e fazer uma casa ou comprar uma moto” fortalece a simbologia que caracteriza a “saída” e o “retorno” dos jovens cortadores de cana. Trata-se de um empreendimento ancorado na experiência de “sair pelo meio do mundo”. Os jovens retornam ao distrito portando símbolos que os distinguem positivamente daqueles que permanecem. A circulação diária de motos conduzidas por jovens rapazes e moças, ao mesmo tempo em que portam óculos escuros, cortes de “cabelo da moda” e outros adereços, redimensiona a vida social do distrito e confere destaque à presença do jovem cortador de cana.

### Ser jovem é trabalhar e construir um futuro

Os canaviais são espaços que demandam a inserção de homens jovens, cuja vitalidade física, representada pela força, resistência e disciplina, é reivindicada como indispensável para a realização do trabalho. Considerando que esses espaços marcam a biografia pessoal dos jovens do distrito, a entrevistadora se dirige ao grupo com o intuito de compreender a experiência de ser jovem e trabalhar nos cortes de cana (Passagem Ser jovem e trabalhar no corte de cana, linhas 621-653):

621 Y:	E vocês poderiam falar sobre ser jovem e
622	trabalhar nos cortes de cana como é que é essa
623	experiência prá vocês ser jovem e trabalhar nos
624	cortes?
625 Nm:	Experiência boa porque você sendo jovem
626	construindo um futuro quando você tiver mais

<sup>5</sup> Sobre este aspecto é interessante destacar as comparações feitas pelo senhor Teotônio entre o trabalho realizado nas fazendas e o trabalho como marceneiro em São Paulo, nos anos 1970 (entrevista narrativa com Teotônio, 2008).

627 de idade você vai saber que você tá numa  
 628 condição de vida né que você:: trabalhou prá  
 629 construir aquilo né então no futuro você for uma  
 630 pessoa que tem juízo que sabe administrar as  
 631 coisas você vai saber que você vamos supor você  
 632 hoje tá com trinta quarenta anos aí você vai  
 633 pensar quando eu fui jovem eu trabalhei prá  
 634 construir isso e hoje eu tô aqui e graças a Deus  
 635 tenho a minha casa e tal o meu carro alguma  
 636 coisa você vai saber que se eu tivesse ficado aqui  
 637 dificilmente eu ia construir isso e hoje e eu saí  
 638 pro mundo quando eu fui jovem trabalhei e hoje  
 639 eu tenho isso por isso que é muito bom  
 640 Um: É o jovem eh que nós eh nós jovem nós tem que  
 641 pensar no futuro nosso eh:: mais prá frente  
 642 nossa vida né nós tem trabalho enquanto nós tá  
 643 novo enquanto nós güenta porque depois de  
 644 velho que já tiver idade não vai guentar trabalhar  
 645 então tem trabalho enquanto é jovem pensar  
 646 em ir prá fora e fazer algum objetivo na vida eh  
 647 trabalhar prá ganhar dinheiro fazer a nossa casa  
 648 construir a nossa família que aí quando o que  
 649 será de nós depois que nós tiver velho nós tiver  
 650 nossos filhos nós não guentar trabalhar e não  
 651 tiver dinheiro prá manter a nossa família? Aí fica  
 652 ruim prá nós tem que trabalhar enquanto é  
 653 jovem e tem que sair e trabalhar prá construir  
 alguma coisa na vida.

Os rapazes positavam a experiência de ser jovem e trabalhar nos cortes de cana dada a possibilidade que o trabalho oferece ao jovem para a construção do futuro, tal como propõe Ney: “você sendo jovem construindo um futuro”. A condição de jovem trabalhador permite que num momento posterior, “quando você tiver mais de idade”, se constate que está “numa condição de vida” certamente favorável.

Para o grupo, a condição de ser jovem está atrelada a uma imagem positiva do futuro, que se constitui como dimensão temporal possível e desejada, haja vista que representa a concretização das conquistas alcançadas através do trabalho num momento anterior, representada pelo tempo presente. Os significados atribuídos pelos jovens ao tempo presente estão associados à sua condição de jovem trabalhador. Para eles, o

tempo presente tem sua centralidade apoiada na possibilidade de trabalhar, experiência vista como capaz de garantir o acesso a bens, como a construção da casa e a compra do carro, mas também permite ser reconhecido positivamente pela comunidade quando adulto.

A imagem dos homens que já estão “mais de idade” sem trabalho e sem família no distrito figura como uma “sina” a não ser seguida pelos jovens rapazes. O momento em que o homem já está “mais de idade” possibilita saber qual foi a postura assumida em relação ao trabalho quando jovem. Nesse sentido, a condição de jovem trabalhador certamente reivindica a assunção de comportamentos e habilidades percebidos como importantes pelos jovens rapazes. Ser “uma pessoa que tem juízo, que sabe administrar as coisas”, passa a ser decisivo para alcançar o êxito no futuro.

Os jovens rapazes concebem o trabalho como experiência necessária e possível, crença ancorada no fato de que são homens jovens que estão no auge da força vital e projetam a sua inserção em atividades laborais que impulsionam a saída “pra fora”. O distrito de origem parece não apresentar ofertas de trabalho que compensem o dispêndio de energia de que dispõem para ser utilizado. Já o trabalho realizado nos cortes de cana tem na sua gênese a predileção por um biótipo, que somente os corpos de homens fortes, resistentes e saudáveis podem concorrer. Trata-se de um tipo de trabalho possível de ser executado quando se é jovem, “enquanto nós tá novo”, “enquanto nós guenta”, e que certamente estimula os jovens rapazes a “sair pra fora”, dada as chances que têm de serem inseridos.

### Considerações finais

O estudo desenvolvido destaca a migração como experiência bastante atual, especialmente para os jovens homens cujo destino legitimado é o dos canaviais da região sudeste. A constatação de que cada morador do distrito conhece ou é parente de alguém que trabalha no corte de cana é reveladora do quanto a “saída pelo meio do mundo” é imperativa. A ida para os canaviais tem uma motivação. O desejo de comprar uma moto,

pôr um “negócio pra viver,” usufruir de bens de consumo ou guardar um dinheiro, são razões muito significativas para os jovens que “saem pelo meio do mundo”.

Os jovens homens positivam a experiência de ser jovem e trabalhar nos cortes de cana, dada a possibilidade que o trabalho lhes oferece para a construção do futuro. Para o grupo, a condição de ser jovem está atrelada a uma imagem positiva do futuro, que se constitui como dimensão temporal possível e desejada, haja vista que representa a concretização das conquistas alcançadas através do trabalho num momento anterior representado pelo tempo presente. Os jovens rapazes concebem o trabalho como experiência necessária e possível, crença ancorada no fato de que são homens jovens que estão no auge da força vital e projetam a sua inserção em atividades laborais que impulsionam a saída “pra fora”.

O desvendamento das condições de trabalho nos canaviais, marcadas pela ocorrência de acidentes, insalubridade e riscos de vida, são aspectos escamoteados pelos jovens em razão da oferta de vínculo empregatício, seguro desemprego e carteira assinada, concedida pelas usinas. A formalização do vínculo empregatício não garante o acesso dos jovens a condições decentes de trabalho, o que aprofunda a exploração e a invisibilidade dos corpos jovens de homens das áreas rurais.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 02, p. 375-390, abr./jun. 2015.

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O método documentário na análise de grupos de discussão. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 67-86.

BOHNSACK, Ralf; PFAFF, Nicolle; WELLER, Wivian (orgs.). **Qualitative analysis and documentary method: in international educational research**. Opladen & Farmington Hills, MI: Barbara Budrich Publishers, 2011, p. 99-124.

Jovens homens que “saíram pelo meio do mundo”: sentidos do trabalho para cortadores de cana  
Catarina Malheiros da Silva

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-51.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.

CANGAS, Yanko González. Juventud rural: trayectorias teóricas y dilemas identitários. **Revista Nueva Antropología**, México, v. XIX, n. 63, p. 153-175, 2003.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Paulo Paulo Martoni (orgs.). **Retrato da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-261.

DURSTON, John. Juventude rural, modernidade e democracia. In: TAVARES, Doraci; LEMOS, Nelson (comp.). **Juventude e desenvolvimento rural no Cone Sul Latino-Americano**. Santiago do Chile: Procader-Emater: RS – IICA, 1994.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Migração interna no Brasil. **Comunicados do Ipea**, Brasília, n. 61, ago. 2010.

MENEZES, Marilda Aparecida; SILVA, Marcelo Saturnino da. Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das esposas, mães e namoradas dos migrantes sazonais do município de Tavares\_PB. In: SCOTT, Russel Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda Aparecida (orgs.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed Mulheres, 2010. p. 281-311.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudia M. Martins. **Bourdieu e a educação**. 3ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SCOTT, Parry Russel. Gênero e geração em contextos rurais: algumas considerações. In: SCOTT, Parry Russel; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda Aparecida (orgs.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed Mulheres, 2010. p. 17-35.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Expropriação da terra, violência e migração: camponeses maranhenses no corte de cana de açúcar. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 165-180, jun. 2008.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. Um marco reflexivo para a inserção social da juventude rural. In: CASTRO, Elisa Guaraná de; CARNEIRO, Maria José (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 279-293.

Jovens homens que “saíram pelo meio do mundo”: sentidos do trabalho para cortadores de cana  
Catarina Malheiros da Silva

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. (coord.). **Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro**. Recife, 2006. (Relatório de Pesquisa).

WEISHEIMER, Nilson. Sobre a invisibilidade social das juventudes rurais. **Desidades**, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p. 22-27, dez. 2013.

WELLER, Wivian *et al.* Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 375-396, jul./dez. 2002.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 13, p. 260-300, jan./jun. 2005.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

WELLER, Wivian; SILVA, Catarina Malheiros. Documentary method and participatory research: some interfaces. **International Journal of Action Research**, Bogotá, v. 7, Issue 3, p. 294-318, 2011.

Recebido em: 11/04/2019

Aprovado em: 02/10/2019

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
**Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED**

Revista *PerCursos*

Volume 20 - Número 43 - Ano 2019

revistapercursos@gmail.com

## ANEXO I

### Códigos utilizados na transcrição de grupos de discussão e entrevistas narrativas<sup>6</sup>

Y: Abreviação para entrevistador (quando realizada por mais de um entrevistador, utiliza-se Y1 e Y2).

Am / Bf: Abreviação para entrevistado/entrevistada. Utiliza-se "m" para entrevistados do sexo masculino e "f" para pessoas do sexo feminino. Num grupo de discussão com duas mulheres e dois homens, por exemplo, utiliza-se: Af, Bf, Cm, Dm e dá-se um nome fictício ao grupo. Essa codificação será mantida em todos os levantamentos subsequentes com as mesmas pessoas. Na realização de uma entrevista narrativo-biográfica com um integrante do grupo entrevistado anteriormente, costuma-se utilizar um nome fictício que inicie com a letra que a pessoa recebeu na codificação anterior (por ex.: Cm = *Carlos*).

?m ou ?f: Utiliza-se quando não houve possibilidade de identificar a pessoa que falou (acontece algumas vezes em discussões de grupo quando mais pessoas falam ao mesmo tempo).

(.) Pausa curta (menos de um segundo).

(2) Pausa (o número entre parêntesis expressa o tempo de duração da mesma).

L Utilizado para marcar falas iniciadas antes da conclusão da fala de outra pessoa ou que seguiram logo após uma colocação (ver: Inserir símbolo no programa MS-Word).

; Ponto e vírgula: leve diminuição do tom da voz.

. Ponto: forte diminuição do tom da voz.

, Vírgula: leve aumento do tom da voz.

? Ponto de interrogação: forte aumento do tom da voz.

-tava Submissão de parte inicial da palavra (estava = -tava).

exem- Submissão de parte final da palavra.

assim=assim Palavras pronunciadas de forma emendada.

exemplo Palavra pronunciada de forma enfática.

exe:::mplo Palavra pronunciada de forma esticada (a quantidade de ::: equivale ao tempo de pronúncia de uma determinada letra).

°exemplo° Palavra ou frase pronunciada em voz baixa.

exemplo Palavra ou frase pronunciada em voz alta.

(exemplo) Palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parênteses.

<sup>6</sup> Modelo desenvolvido por Ralf Bohnsack e outros pesquisadores da Freie Universität Berlin, Alemanha e adaptações para a língua portuguesa desenvolvidas pelo grupo de pesquisa GERAJU (FE/UnB) (WELLER, 2006).

Jovens homens que “saíram pelo meio do mundo”: sentidos do trabalho para cortadores de cana  
Catarina Malheiros da Silva

(        ) Parênteses vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parênteses varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase).

☺exemplo☺ Palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba (podem-se utilizar também símbolos smiles).

☺(2)☺ Número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala.

©exemplo© Palavras ou frases pronunciadas entre choro (podem-se utilizar também símbolos smiles).

©(5)© Número entre sinais expressa a duração de um momento de choro e interrupção da fala (podem-se utilizar também símbolos smiles).

((barulho)) Expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((ruídos externos)), ((atendimento do celular e breve interrupção)), ((risos)).

*Sinais de feedback afirmativo: “mhm” ou “ahã”*

*Vícios de linguagem: “eh” ou né:*

Obs.: Os sinais de *feedback* afirmativo devem ser transcritos pois fazem parte da interação existente durante uma entrevista narrativa ou grupo de discussão. Nas entrevistas também é comum que as pessoas empreguem o “eh” como uma espécie de pausa entre a frase anterior e a seguinte ou ainda o “né” ao final de uma frase. Esses elementos também devem ser transcritos.